

DOI 10.30612/realizacao.v12i23.20008
ISSN: 2358-3401

Submetido em 13 de abril de 2025

Aceito em 10 de maio de 2025

Publicado em 8 de agosto de 2025

MULHERES ASSENTADAS E QUILOMBOLAS NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS: RESULTADOS DE AÇÕES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

SETTLED WOMEN AND QUILOMBOLAS IN ORGANIC FOOD PRODUCTION:
RESULTS OF UNIVERSITY EXTENSION ACTIONS

MUJERES ASIENTADAS Y QUILOMBOLAS EN LA PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS ORGÁNICOS: RESULTADOS DE LAS ACCIONES DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

Fabio Pereira Nunes¹
Universidade Federal da Grande Dourados
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8993-7091>

Alzira Salete Menegat
Universidade Federal da Grande Dourados
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8777-7637>

Euclides Reuter de Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6282-4855>

Marisa de Fátima Lomba de Farias
Universidade Federal da Grande Dourados
ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2826-1463>

Giuliano reis Pereira Muglia
Universidade Federal da Grande Dourados
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9590-4226>

Izadora Danielly Rodrigues Mello
Universidade Federal da Grande Dourados
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9370-5355>

Resumo: O objetivo do presente artigo é de apresentar resultados de ações de extensão desenvolvidas por docentes e estudantes universitários, junto a mulheres e homens que

¹ Autor para Correspondência: janaina_tayna@hotmail.com

vivem em áreas da reforma agrária e de território quilombola, organizados em torno da produção de base orgânica, no cultivo de verduras, legumes e frutas, bem como envolvidos com a produção de mel e leite. Pretendeu-se apontar a dinâmica para a produção e de seus resultados na vida das pessoas e dos lugares onde vivem. No território Quilombola, localizado próximo à cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul/Brasil, são desenvolvidos diversos projetos de extensão, dentre eles: cursos para preparo de alimentos, especificação da produção, organização de cardápio para o preparo de refeições, produção de verduras, legumes e frutas orgânicas; cursos de técnicas de produção de pães e biscoitos; curso de aproveitamento/transformação, comercialização da produção e agregação de valor. As ações desenvolvidas com mulheres assentadas e quilombolas, envoltas com a produção orgânica de mel, hortaliças e legumes estão fortalecendo e viabilizando cadeia produtiva de alimentos saudáveis, desde a produção de mel, advindo das potencialidades das matas, bem como formando redes de apoio com famílias assentadas, criando grupo para a produção em hortas comunitárias e formação de pomares com frutíferas.

Palavras-chave: Agricultura orgânica, Empoderamento feminino, produção.

Abstract: The objective of this article is to present the results of extension activities developed by university professors and students, together with women and men living in areas of agrarian reform and quilombola territories, organized around organic production, in the cultivation of vegetables, legumes and fruits, as well as involved in the production of honey and milk. The intention was to point out the dynamics of production and its results in the lives of people and the places where they live. In the quilombola territory, located near the city of Dourados, in Mato Grosso do Sul/Brazil, several extension projects are developed, among them: courses on food preparation, production pricing, organization of menus for meal preparation, production of vegetables, legumes and fruits with an organic base; courses on bread and biscuit production techniques; courses on use/transformation, commercialization of production and value addition. As a result, it was found that the actions developed with settled and quilombola women, involved in the organic production of honey, vegetables and legumes, are strengthening and enabling the production chain of healthy foods, from the production of honey, coming from the potential of the forests, as well as forming support networks with settled families, creating groups for production in community gardens and forming orchards with fruit trees.

Keywords :Organic agriculture, Women's empowerment, production.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar los resultados de acciones de extensión desarrolladas por profesores y estudiantes universitarios, junto a mujeres y hombres habitantes de áreas de reforma agraria y territorios quilombolas, organizados en torno a la producción orgánica, en el cultivo de hortalizas, legumbres y frutas, así como involucrados en la producción de miel y leche. El objetivo era señalar la dinámica de la producción y sus resultados en la vida de las personas y los lugares donde viven. En el territorio quilombola, ubicado cerca de la ciudad de Dourados, en Mato Grosso do Sul/Brasil, se desarrollan varios proyectos de extensión, entre ellos: cursos de preparación de alimentos, fijación de precios de producción, organización de menús para la preparación de comidas, producción de verduras, legumbres y frutas de forma orgánica; cursos sobre técnicas de producción de pan y galletas; curso de uso/transformación, comercialización de la producción y adición de valor. Como resultado, se constató que las acciones desarrolladas con mujeres asentadas y quilombolas, involucradas en la producción orgánica de miel, hortalizas y legumbres, están fortaleciendo y viabilizando la cadena productiva de alimentos saludables, a partir de la producción de miel, proveniente del potencial de los bosques, además de formar redes de apoyo con familias asentadas, crear grupos para la producción en huertas comunitarias y la formación de huertos con árboles frutales.

Palabras clave: Agricultura orgánica, Empoderamiento de la mujer, producción.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de três projetos de extensão, desenvolvidos com recursos da Pró Reitoria de Extensão e Cultura da UFGD/PROEC, os quais foram planejados com mulheres que se encontram na produção de alimentos orgânicos em áreas de assentamentos rurais e da comunidade quilombola de Dourados/MS/Brasil. São ações direcionadas a melhoria da produção de alimentos básicos, dentre os quais verduras, legumes, frutas, mel, leite e derivados.

Os resultados que apresentamos são dos seguintes projetos: Sistema econômico de produção de gás e biofertilizante (ODS 12), Hortas orgânicas: Alternativa de produção para pequenos produtores, em Mato Grosso do Sul e Quilombolas no gerenciamento de produção e processamento de produtos alimentícios (ODS 12). São projetos coordenados por Professores da Faculdade de Ciências Agrárias e da Faculdade de Ciências Humanas. Além desses projetos, há um Programa Guarda Chuva, que abriga diversos outros projetos que fomentam, com

recursos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as ações que estão sendo desenvolvidas[1]. Para o encaminhamento das atividades foram definidos os grupos de mulheres e homens que vivem e produzem alimentos nos seguintes lugares: no assentamento rural Cabeceira do Iguatemi, localizado no município de Paranhos, em Mato Grosso do Sul; no assentamento Areias, localizado em Nioaque, na entrada do Pantanal sul-mato-grossense; mulheres quilombolas, que compõem o território Quilombola, localizado no município de Dourados/MS/Brasil.

Nesses locais, dois são assentamentos da reforma agrária e um território quilombola, onde as mulheres assumem a produção de alimentos básicos e, quando possível, realizam o processamento dos mesmos, visando melhor aproveitamento e com isso imprimem valor aos produtos, facilitando a comercialização, realizada nos lotes e/ou nas feiras das cidades dos municípios onde estão localizadas.

É preciso destacar que as atuações desenvolvidas com as mulheres estão ancoradas no princípio da extensão universitária, envolta a troca de saberes, daqueles produzidos na universidade (sistematizados a partir de referenciais metodológicos), intercambiados com as experiências acumuladas pelas mulheres dos diferentes grupos, provenientes de suas atuações com a produção de alimentos. São mulheres com conhecimentos tradicionais, acumulados ao longo dos tempos, repassados pelas gerações e que ainda potencializam o dia a dia das comunidades. A junção desses conhecimentos, acadêmicos e sociais, tem frutificado os encaminhamentos com a produção de alimentos e também produção de saberes acadêmicos.

Nesse sentido, a extensão universitária é fundamental, porque tem envolvimento com demandas sociais, com diálogos e ações conjuntas, para transformar cenários sociais e também a própria dimensão do conhecimento, superando a hegemonia do conhecimento acadêmico, diante do protagonismo das experiências das pessoas.

Com o fio condutor da extensão como *locus* de trocas, organizamos o presente texto em três partes: na primeira, tecemos análises sobre a condição das mulheres; na segunda apresentamos os lugares onde elas vivem e produzem e, por fim, tecemos algumas conclusões sobre os resultados das ações de extensão.

Contextualização Histórica e Atual da Condição das Mulheres no Campo

É preciso destacar que as mulheres assentadas foram historicamente entendidas como “ajudantes” nas unidades de produção, quase invisíveis nas tomadas de decisões, especialmente porque a estrutura jurídica de titularidade da terra as colocava nessa condição. A legislação brasileira passou a reconhecer as mulheres do campo como trabalhadoras com a Constituinte

de 1998, quando elas se uniram em movimento de mulheres camponesas e pautaram a necessidade que suas demandas fossem incorporadas no texto daquele importante documento. Nele foi assegurado reconhecimento legal e social como trabalhadoras, garantindo acesso ao crédito rural, ao salário maternidade, à aposentadoria e a outros benefícios que as colocou em posição de visibilidade social e produtiva.

Tais conquistas representam o iniciar do empoderamento das mulheres do campo, entendido por Deere e León (2002, p. 52), como um processo que requer uma “transformação no acesso da mulher tanto aos bens quanto ao poder”. Ao mesmo tempo, o empoderamento da mulher transforma relações de gênero e é, portanto, uma precondição para a obtenção da igualdade entre homens e mulheres”.

No ano de 2003, pela portaria número 981, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA, foi garantida outra importante demanda inerente à titularidade dos lotes de assentamentos, quando essa passou a ser conjunta, possibilitando que novas medidas fossem incorporadas. Posteriormente, em 2007, o INCRA definiu na titularidade dos lotes, o nome da mulher como o primeiro, reconhecendo a atuação delas na manutenção dos lotes.

Na trajetória de ações de extensão e de pesquisas com assentamentos observa-se que as mulheres dos assentamentos e da comunidade quilombola são atuantes na gestão dos lotes, havendo aquelas que vivem jornadas combinadas, quando estão no lote, com a jornada fora do lote, sendo que neste caso ainda ocorre continuidade do trabalho, ou seja, quando expõem e vendem seus produtos para comercialização nas feiras urbanas, auferindo rendimento. Nessas jornadas, elas conciliam atuações da mulher que sai de casa levando produtos para a feira, com aquela que cuida, zela, lava, passa e usa seus saberes tradicionais para criar novos produtos e auferir renda. Assim, produzem também novas relações de sociabilidade, de trabalho e transformaram a realidade em que vivem, tecendo novos papéis e tornando-se elas próprias pessoas com autonomia.

As mulheres assentadas têm mantido diálogos com a extensão rural e com docentes das universidades, intentando se apropriar de novos conhecimentos, que as habilitem a potencializarem seus saberes, especialmente treinamentos, cursos diversos, dentre os quais aqueles de fabricação de queijo, doce de leite e pão, procurando ressignificarem antigas técnicas, e mesmo apreendendo algumas inovadoras, visando melhor aproveitar os produtos que cultivam e também ampliar as possibilidades de comercialização da produção, melhorando a renda e a qualidade de vida nos lotes.

São mulheres que se encontram desenvolvendo a produção de alimentos com base orgânica, atividade que tem aumentado na agricultura familiar, como destaca o estudo de

Martins e Menegat (2022, p. 48), quando dizem que “os povos do campo no mundo todo, tem travado um debate político em defesa de um projeto de desenvolvimento rural menos agressivo com a natureza e com produtos de maior qualidade, com foco na consciência de que o meio ambiente é finito”, sendo necessário conservá-lo. Além disso, o olhar também está para a qualidade do alimento produzido, livre de agrotóxicos.

Cabe destacar que a produção de alimentos com base orgânica e/ou agroecológica é um processo em fase de implantação como destacam Menegat e Oliveira (2022a), configurado na composição de pequenas unidades de produção, dentre elas os lotes de assentamentos, especialmente naqueles onde estão as mulheres. A discussão entre produção e qualidade do alimento, compõe o cenário da agricultura familiar, como mostram Oliveira, Gandra e Menegat (2022b), a qual tem contribuindo com o abastecimento de boa parte do alimento consumido nas mesas da população brasileira.

Resultados de Projetos de Extensão com Mulheres

Ações extensionistas com mulheres quilombolas

No território Quilombola, localizado próximo à cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul/Brasil, são desenvolvidos diversos projetos de extensão, dentre eles: cursos para preparo de alimentos, precificação da produção, organização de cardápio para o preparo de refeições, produção de verduras, legumes e frutas com base orgânica; cursos de técnicas de produção de pães e biscoitos; curso de aproveitamento/transformação, comercialização da produção e agregação de valor. Além disso, as ações de capacitação das mulheres quilombolas, permitiu com que as mesmas pudesse administrar uma cantina na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). No Gráfico 1 estão dispostos os valores de receita bruta da cantina.

É importante destacar que essa cantina foi possibilitada por uma ação de ação desenvolvida por professores/as e acadêmicos/as da UFGD, visto que é um projeto de extensão universitária abrigado na Incubadora de Tecnologias Sociais e Solidárias/ITESS/UFGD, sendo as mulheres orientadas por meio do modelo de incubação, recebendo aporte no que se refere a preparação de alimentos, precificação, controle de higienização, dentre outros itens. Isso aprofunda ainda mais a importância e necessidade do desenvolvimento de parcerias nas ações entre a universidade e os grupos sociais.

As mulheres quilombolas se organizam para a produção orgânica de alimentos suprindo as necessidades familiares e a comercialização do excedente, atuações que têm projetado visibilidade social e maior autonomia no encaminhamento de projetos e delas próprias como sujeitas de ações. É preciso destacar que a produção advinda da agricultura familiar, como

no caso das mulheres e homens da comunidade quilombola, tem contribuído na dinâmica dos 79 municípios que formam o Mato Grosso do Sul, abastecendo, em partes, as necessidades da população.

Nos últimos anos, observa-se a preocupação com a produção orgânica, modalidade em fase de implantação, a qual merece incentivos pela sua importância porque está organizada com a preocupação em produzir alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e com atenção ao meio ambiente onde se dá o cultivo, como observa-se no fazer das mulheres quilombolas, na produção de hortas, conforme a figura 1.



Figura 1. Plantio de hortaliças no território Quilombolas

Ações Extensionistas com Mulheres no Assentamento Areias

O assentamento Areias localiza-se no município de Nioaque, Mato Grosso do Sul/Brasil, foi implantado em 2008 e distribuído em 81 lotes, com média de 10 hectares cada. Nele foi formado um grupo de mulheres e homens envolvidos com a produção orgânica dos seguintes produtos: produção de mel, formação de horta a céu aberto, de base orgânica para produção de alfaces, cebolinhas, pepino, batata doce, amendoim, mandioca, abóbora, dentre outros; instalação de estufa para produção de tomate; cultivo de limões.

As reuniões e diálogos com o grupo envolvido com ações, as quais envolviam em sua maioria mulheres que demonstravam desejo de introduzirem em suas atuações a diversificação

da produção, viabilizando geração de renda familiar, foi o elo que fez com que docentes da universidade firmarem parcerias entre as mulheres assentadas e a universidade, criando meios para esforços conjuntos, intensificando projetos e procedimentos para melhoria das condições de produção. O trabalho inicial foi com a produção de caixarias destinadas à instalação de apíario, com a finalidade da captura de abelhas e com elas a produção de mel, um desejo das mulheres para a melhoria da alimentação das famílias e venda do excedente. Concomitante ao apíario, foi instalada horta para produção de verduras e legumes, e, na sequência, foi também construída estufa para produção de tomates, criando ambiente controlado viabilizando a produção.

Nessa etapa, por meio de projeto de docentes da UFGD, conseguiram efetuar a aquisição de mudas de limões, instalando pomar. Toda essa sequência de projetos ocorreu a partir dos planejamentos que os grupos demandam e docentes da universidade construíam projetos em busca de fomento, adquirindo materiais. Dentre os materiais, incorporaram tecnologias sociais, como no caso da instalação de estufa para produção de verduras e legumes e a construção de um biodigestor, tecnologias, destinado a produção de gás de cozinha e biofertilizantes para uso nos canteiros da horta, materiais que passaram a viabilizar os cultivos, com aumento da produção e resultar na melhoria da renda familiar.

No caso da instalação da estufa propiciou um ambiente controlado, livre dos eventos ambientais, facilitando os cultivos de tomates, assegurando uma produção livre das suscetíveis intempéries climáticas. Além disso, garantiu a produção para os meses de frio (junho e julho), bem como para aqueles meses em que o calor é intenso (novembro a fevereiro).

Os benefícios também se estendem a outra tecnologia incorporada naquele local, o biodigestor, com o qual está sendo possível a produção de biogás de cozinha e biofertilizante, produzidos a partir do processamento de dejetos (esterco) de animais. O esterco é um material orgânico existente nos lotes, que ao ser processado no biodigestor, gera biogás para uso doméstico, reduzindo o custo financeiro empregado mensalmente para a compra deste item.

Além disso, nesse processamento, ocorre a fabricação de biofertilizantes, outro produto rico em nutrientes, fundamental para a adubação da terra, especialmente dos canteiros da horta.

Cabe destacar que a inserção das mulheres como protagonistas nas ações de extensão que foram desenvolvidas, têm como base a promoção da representatividade feminina no campo, possibilitando e dando notoriedade a um espaço que as mesmas já ocupam, buscando a equidade de gênero. Vejamos algumas fotografias dos processos de produção no assentamento Areias, na figura 2 A, B, C e D.



Figura 2. Coleção de fotografias das atividades desenvolvidas, onde: A) Trabalho no Apiário para produção de mel; B) Produção de Tomates; C) Colheita da Batata-doce e D) Colheita do Tomate.

Ações Extensionistas Com Mulheres Do Assentamento Cabeceira Do Rio Iguatemi

O assentamento Cabeceira do Rio Iguatemi, está localizado no município de Paranhos, Mato Grosso do Sul, Brasil, localizado próximo ao Paraguai numa área de terras com fragilidades para o desenvolvimento de diversos tipos de culturas. Por isso, docentes da UFGD desenvolveram diversos projetos de extensão para identificar quais culturas lá seriam mais adequadas, levando em consideração o clima e tipo de solo da região.

Identificaram-se as seguintes ações: organização de horta para produção de verduras e legumes, produção de maracujá, produção de abacaxi, produção de alho, cebolas, batata doce, tomates, cenouras e melancias (Figuras 3 e 4). Naquela comunidade também foi instalado biodigestor, possibilitando a produção de gás de cozinha e de uso de biofertilizantes (Figura 5), uma tecnologia de baixo custo, que associada às orientações técnicas que a equipe da proposta

da universidade tem realizado, articuladas aos saberes tradicionais das mulheres assentadas potencializou a produção.

Há um princípio fundamental considerado nestas ações, a união entre a universidade e o campo, de forma a inserir novas tecnologias e formas de produção agropecuárias respeitando e se aliando aos saberes das pessoas envolvidas. Dessa forma, as experiências extensionistas da equipe da universidade são pautadas e guiadas pela inclusão social, sustentabilidade e cidadania, visando melhoria na capacidade tecnológica e de produção de alimentos, melhorando as condições da vida das pessoas, uma das principais metas da extensão universitária.

Diversas são as imagens capturadas que mostram a produção que vem ocorrendo nos grupos, fazendo com que novas possibilidades de pertencimentos aparecem, dentre elas: a melhoria da alimentação familiar, resultando em melhoria da saúde das pessoas diante de uma alimentação saudável, composta pelos grupos alimentares adequados; melhoria da renda das famílias envolvidas, empoderamento feminino, criando condições de pertencimentos aos lugares por meio de vida com dignidade. Vejamos as figuras 3, 4 e 5 onde estão dispostas algumas imagens que ilustram as ações desenvolvidas no Assentamento Cabeceira do Rio Iguatemi, principalmente para a produção de alimentos.



Figura 3. Fotos de algumas produções desenvolvidas no Assentamento, tais como: A) Produção de Melancia; B) Produção de Cenoura; C) Produção de Alho e D) Produção de Cebola.



Figura 4. Alimentos produzidos no Assentamento Cabeceira do Iguatemi, sendo: A) Plantio e Cultivo da Cebola e B) Colheita do Maracujá.



Figura 5. Biodigestor instalado no Assentamento para a geração de biogás.

Os benefícios acerca da utilização dos biodigestores são destacados também por Gandra et al. (2021), onde, com a implantação de um biodigestor em um Assentamento Rural, os autores afirmaram que essa tecnologia se apresentou como viável e eficiente, trazendo benefícios tanto para os produtores, quanto para o meio ambiente. Nessa reunião de saberes, o princípio da ação tem sido geracional, democrático e priorizando direitos à vida com qualidade, respeito e valorização, independentemente das diferenças ou especificidades existentes entre as pessoas.

Além disso, pode-se destacar o benefício e assertividade advindas das ações de extensão realizadas, visto que, as mesmas contribuem diretamente para com as famílias assentadas, agindo como uma consultoria rural para as mesmas. Gonçalves et al. (2024)

destacam a efetividade da consultoria rural, afirmando que por meio dela se tem uma ferramenta classificada como de extensão, dada a sua capacidade de transmitir conhecimentos e informações.

Outro fator de destaque proporcionado pelas ações desenvolvidas é a inclusão de tecnologias que se adequem a realidade dos assentados, propiciando uma melhoria produtiva e consequentemente, maior geração de receita, uma das estratégias é a adoção dos sistemas orgânicos. Em uma ação desenvolvida também no Assentamento Cabeceira do Rio Iguatemi, Leite et al. (2023) destacaram os benefícios da produção orgânica, apontando que o excedente produzido pelas famílias era comercializado junto a Associação dos Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul (APOMS), e, com isso, agregando valor nos produtos, proporcionando melhoria das condições de vida e, consequentemente, viabilizando a permanência dos produtores no campo.

Ao observarmos os benefícios das ações de extensão para com as mulheres assentadas, Silva et al. (2023) destacaram a apicultura como uma atividade capaz de impulsionar a geração de renda, além disso, os autores deram ênfase no fazer das mulheres, visto que elas se apresentam como aquelas que mantém o grupo fortalecido para a continuidade das atividades apícolas.

Nesse sentido é necessário destacar e estimular ações que se foquem principalmente nas mulheres assentadas, principalmente visando maior autonomia financeira, o que resultará no protagonismo delas nas mais diversas atividades. Esses foram alguns dos princípios abordados em uma ação realizada por Cunha et al. (2023) em Mato Grosso, especificamente para mulheres acampadas e/ou assentadas, quando realizaram um curso para qualificar as mulheres como cervejeiras artesanais. Para isso realizaram diferentes palestras, abordando não apenas os elementos técnicos para alcançar a ação central, que era a produção de cervejas, mas compuseram discussões que envolveram as relações pelas quais as mulheres estão envolvidas, dentre elas: Saúde da Mulher, Empoderamento Feminino, Economia Solidária, entre outros. Os autores ainda concluíram que as cervejas desenvolvidas pelas mulheres, devido a carga de atividades que elas assumem, são carregadas de determinação e resistência pela vida.

A liberdade e a autonomia financeira também foram destacadas por Vieira et al. (2022) onde os autores, através de uma capacitação sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), destacando, de forma positiva, o processo de organização e gestão dos produtos agroecológicos das mulheres agricultoras, afirmado ainda que essas ações proporcionam maior segurança e soberania alimentar, além de uma emancipação financeira e inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas com mulheres assentadas e quilombolas, envoltas com a produção orgânica de mel, hortaliças e legumes vêm fortalecendo e viabilizando cadeia produtiva de alimentos saudáveis, bem como formando redes de apoio entre as famílias assentadas e a comunidade acadêmica.

A atuação das mulheres nos novos processos produtivos se mostrou fundamental na organização das ações desenvolvidas e organizadas nas propriedades. Com isso, pode-se construir possibilidades de geração de renda extra, produzindo condições de desenvolvimento na propriedade e principalmente, para as pessoas envolvidas. Todos esses fatores são importantes para a permanência de famílias nos lotes e na comunidade quilombola, pois fortalecem sociabilidades essenciais para estratégias de produção e comercialização e obtenção de autonomia feminina no campo.

As ações de extensão estão contribuindo também para ampliar as possibilidades na formação dos/as estudantes da UFGD que participam das ações, inserindo-os/as para atuarem com cidadania nos assentamentos de reforma agrária, numa ação-reflexão sobre o saber acadêmico, e na importância de compartilhá-lo socialmente, fomentando uma formação onde o conhecido é dialógico, envolvendo referenciais teórico-práticos e despertando nos estudantes o sentimento participativo, de autonomia e de compromisso social.

REFERÊNCIAS

- COSTA DA CUNHA, A.; OLIVEIRA BRITO, K.; CHAGAS DE ÁVILA, M.; TEIXEIRA BARCIA, M.; KAEHLER SAUTTER, C.; AUGUSTO BALLUS, C. Relato de uma experiência de formação: Mulheres cervejeiras do Pantanal mato-grossense. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, n. 14, v. 2, p. 113–125. 2023.
- DEERE, C. D.; LEON, M. **O Empoderamento da Mulher: direito à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Porto Alegre, RS: Editora UFRGS, 2002.
- FARIAS, M. F. L. **Relações de gênero: dilemas e perspectivas**. Dourados-MS: UFGD, 2009.
- FREITAS, A. A. R. de. **A reforma agrária em Mato Grosso do Sul: os dilemas e as possibilidades nos assentamentos rurais a partir da análise dos dados do INCRA**. Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFGD (Dissertação de Mestrado), Dourados, 2020.
- GANDRA, J. R.; de ALMEIDA PEDRINI, C.; da SILVA ALEM, B.; de OLIVEIRA, E. R.; PEIXOTO, E. L. T.; de ARAÚJO GABRIEL, A. M.; COSTA, R. C. Utilização de biodigestor

no assentamento Itamarati: Sustentabilidade para a comunidade rural. **Realização**, v. 8, n. 16, p. 21–32, 2021.

GONÇALVES, L. W.; GONÇALVES, T. W.; MUGLIA, G. R. P.; ALENCAR, A. M. S.; SILVA, J. T.; DE ARAÚJO GABRIEL, A. M.; DE OLIVEIRA, E. R. Consultoria Rural Como Ferramenta De Extensão Rural. **Realização**, v.11, n.22, p e24001-e24001 ,2024.

LEITE, G. D. O., SILVA, J. T.; DE OLIVEIRA, E. R.; DE ALMEIDA, A. S.; DA SILVA, J. F.; GABRIEL, A. M. A.; MUNIZ, E. B. Silvipastory System In Areas Of Small Rural Farmers In Mato Grosso Do Sul. **Realização**, v.10, n.20, p.183-194,2023.

MARTINS, A. C.; MENEGAT, A. S. In: MENEGAT, A. S. OLIVEIRA, E. R. de. (orgs.). Saberes e experiências com a produção orgânica e agroecológica. Dourados: Editora da UFGD, 2022.

MENEGAT, A. S. **Leituras sobre mulheres**: o fazer e o refazer de caminhos. Dourados-MS: UFGD, 2016. Acesso: 08 maio 2025, disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORACATALOGO/leituras_sobre_mulheres.pdf>

MENEGAT, A. S.; OLIVEIRA, E. R.; GANDRA, J. R. (Orgs.). **Caminhos da produção orgânica e agroecológica**: alternativas ambientais e de qualidade de vida, Dourados-MS: UFGD, 2022.

MENEGAT, A. S.; OLIVEIRA, E. R. (Org.). **Saberes e Experiências com a produção orgânica e agroecológica**. 1. ed. Dourados MS: Editora da UFGD, 2022. v. 1. 256p.

MENEGAT, A. S. Mulheres assentadas e acadêmicas construindo novos pertencimentos sociais. In: PINHEIRO, A. S.; TEDESCHI, L. A.; MARCHARNER, W. (Orgs). **Saberes da terra**: teoria e vivências. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 223 - 246.

MENEGAT, A. S.; FARIA, M. F. L de; TEDESCHI, L. A. **Educação, relações de gênero e movimentos sociais**: um diálogo necessário. Dourados-MS: UFGD, 2009.

SANTOS, L. dos. **O que é trabalho?** Essência humana ou mercadoria? In Sociologia do Trabalho. Inhumas, GO: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2012.

HOLGADO - SILVA, H. C.; PEIXOTO, E. L. T.; OLIVEIRA, E. R. de; GABRIEL, A. M. de A.; ASSIS, C. R. R. de: MACHADO, G. S.; CONCEIÇÃO, C. A. da. Extensão Rural na Produção de Mel Orgânico e Geração de Renda para Mulheres no Assentamento Rural Areias –Nioaque/MS. **Realização**, v. 10, n. 20, p. 208-221,

VIEIRA, M. G. M.; IZA, O. B.; GOETTEN, G. I.; PEREIRA, Y. C. C. Multiatividades na perspectiva agroecológica: contribuições aos objetivos de desenvolvimento sustentável. **Revista Ciência em Extensão**, v. 17, p. 1-19, 2021.

NUNES, F. P.; MENEGAT, A. S.; OLIVEIRA, E. R.; FARIA, M. de F. L.; MUGLIA, G. R. P.; MELLO, I. D. R. Mulheres Assentadas E Quilombolas Na Produção De Alimentos Orgânicos: Resultados De Ações De Extensão Universitária. **RealizAção**, UFGD – Dourados, MS, v. 12, n. 23, p. 1 – 14, e025002, 2025